

Só as mulheres trabalham na arte cerâmica

Cerâmica dos Carajás



Muitos estrangeiros que visitam o Museu de Arte de São Paulo indagam da possibilidade de ver arte indígena, ou seja, produções artísticas daquelas tribus que vivem entre o Amazonas e Goiaz. Os dirigentes do Museu sempre encaminham tais interessados ao Museu do Ipiranga, onde foi organizada uma estupenda seção, dedicada especialmente à etnografia, sob os cuidados do Professor Herbert Baldus, de competência mundialmente reconhecida em materia de estudos indígenas. Mas, sendo tão longínquo o referido Museu e, com o fim de facilitar aos hospedes do país o conhecimento de alguns de nossos aspectos mais interessantes, o Museu de Arte decidiu crear uma pequena seção destinada a mostrar aquelas maravilhas. Como é sabido, os primeiros a ignorar os problemas da arte brasileira, são os próprios brasileiros, pelo que foi difficilimo encontrar um certo número de fontes de informações que pudessem dar uma idéia do problema. Foi encarregado desta pesquisa o nosso amigo Dr. Carlos Cortese, que, tendo ido a Goiaz participar de um congresso de medicina, — é médico — estabeleceu contacto com autoridades e amigos gentis, que mantêm há tempos um ativo intercâmbio de objetos com os índios Carajá. Esses índios fazem parte de uma tribu que começa a ter boas relações com os brancos e suportar suas manias de civilização e missionarismo. Aquilo que um índio pode oferecer em troca de alguma coisa, pode ser adiantado

desde logo: cerâmica, máscaras, indumentárias, principalmente cocares, e alguns raros utensilios, como cestos. Uma bellissima coleção desse material foi trazida para o Museu de Arte pelo Dr. Cortese, e começou então a fazer uma classificação. Ilustramos, neste artigo, a parte que diz respeito à cerâmica. Esse gênero de arte índia está ligado ao grande tronco da arte primitiva, cuja antiquissima origem se liga aos cultos religiosos, nos quais se divisa na forma fálica o mistério mesmo do nascimento e da vida do homem. Não é possível distinguir muito precisamente entre as manifestações artísticas até agora encontradas, das diversas tribus, mas pode-se afirmar, de um ponto de vista geral, que os indígenas insistem sobre uma repetição constante e metódica de temas. Os dois grandes temas tomados em consideração, são de uma parte a figura humana, sempre deformada e agitada em práticas religiosas, e de outra, a fauna, quasi sempre circunscrita aos animais sujeitos à caça. Dêstes, o mais representado é a tartaruga, e o índio reproduz sempre com grande felicidade o transporte, em canoa, das tartarugas capturadas durante suas pescarias. Ao leitor desprevenido prevenimos que esse tipo de arte, absolutamente primitiva, apresenta analogia com as últimas tendências de uma arte que se inspira nas manifestações primárias, ou abertamente. A fonte maior de inspiração de grande parte da arte contemporânea, de-

pois da influência exercida pela arte negra, provém da arte azteca, maia, inca e, agora, da descoberta da arte marajoara. Enquanto os nossos esfôrçados pintorzinhos locais atiram suas linhas nas águas de um abstracionismo já velho de trinta anos, os grandes pintores de Paris vêm pescar em nossos rios. E, certamente, eles não o fazem em primeira mão, mas através de reproduções e desenhos frequentemente arbitrários, da nossa arte primitiva, que, portanto, lá chega contaminada.

O intuito do Museu foi, exatamente, organizar uma seção que ofereça ao público a possibilidade de considerar esses elementos. A maioria dos brasileiros talvez ignore que os grandes museus americanos e europeus apresentam notáveis coleções de nossa arte indígena. O Brooklyn Museum, por exemplo, possui exemplares marajoaras como nós nem podemos imaginar, como parte de material escavado por uma expedição americana que veio ao Brasil pelo ano de 1931.

Entre os tantos fatos que admitimos para consideração e desenvolvimento da arte brasileira, contamos também o caso da arte indígena, realmente a arte mais brasileira, historicamente, e que continua se manifestando livre de influências extrinsecas.

Fazemos, aqui, um apêlo a todos quantos, como o Dr. Cortese, tenham ocasião de conseguir peças de arte indígena, para que façam doação delas ao Museu de Arte de São Paulo.

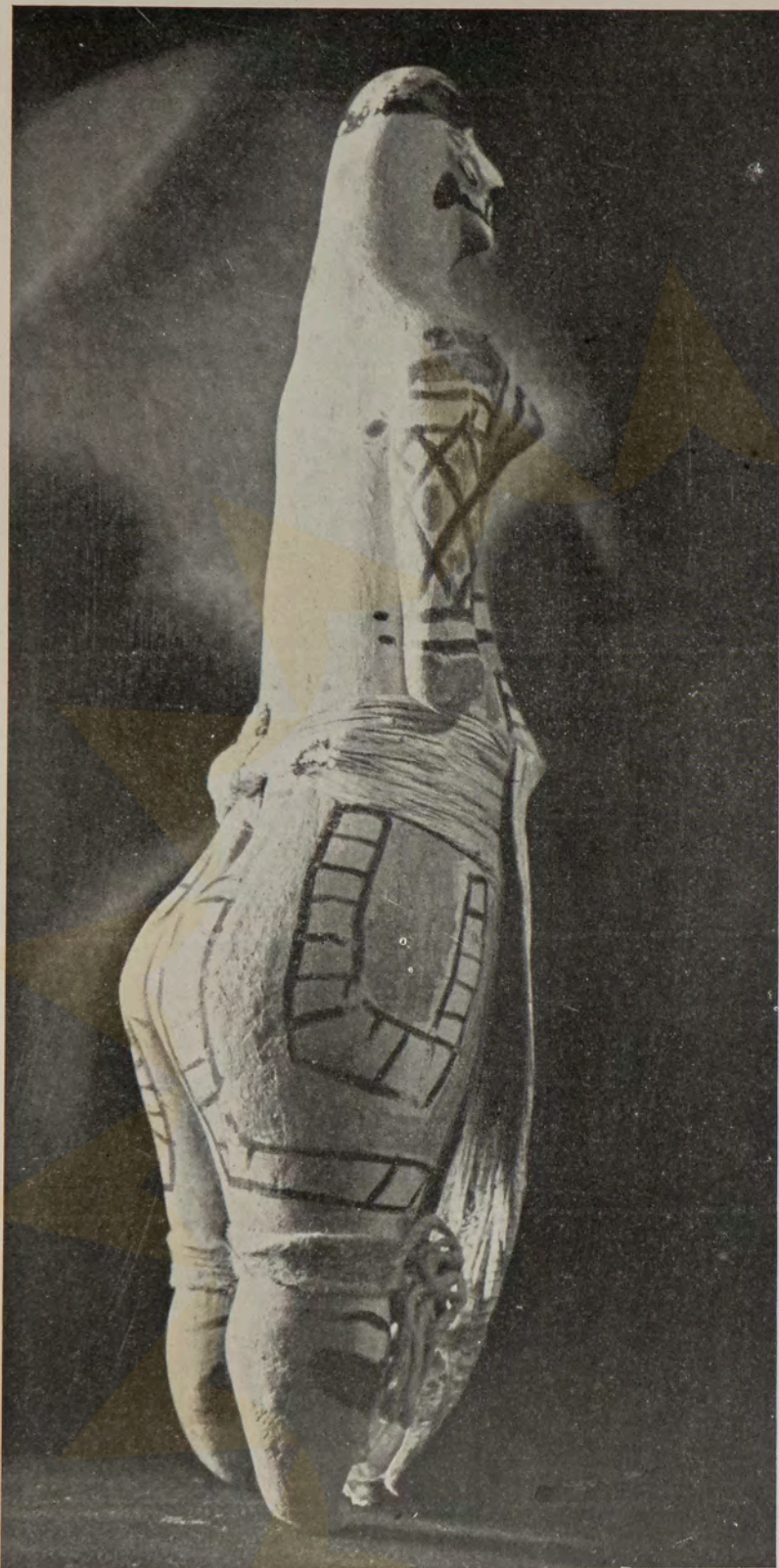


Os gestos das figuras são hieráticos e obedecem invariavelmente à posição que a figura humana tomará em determinados ritos



A arte indígena, das tribus com as quais o branco vem mantendo contacto, é qualquer coisa de inédito no Brasil, ao menos nas cidades em que a preocupação vertiginosa dos homens é alcançar o nível das cidades americanas, todas em cimento armado, com magazines colossais e refrescos em garrafinhas. Quando o Museu de Arte de São Paulo realizou uma exposição, em colaboração com o Serviço dos Índios, grande parte do público ficou maravilhado com os trabalhos apresentados, tão ricos de fantasia inédita e invenção invulgar, tanto que não faltaram as inevitáveis piadas, atribuindo à Picasso certas cerâmicas indígenas expostas





Há nestes trabalhos uma surpreendente coerência entre o modelado e a pintura. Neste caso, o sentido instintivo de beleza primitiva cria o contraste entre as linhas curvas desta escultura com um desenho retilíneo e abstrato.

O vermelho e o preto são as cores mais usadas. O índio extrai as cores dos vegetais.

A virgem, lembrando a "Venus de Willendorf", têm aquela mesma forma esteotópica das esculturas pré-históricas.

Nas tribos Carajás, as virgens usam na perna uma jarreteira de fio de algodão. A mulher casada usa, na cintura, uma jaixa de palha



Nota-se a estranha relação entre os carregadores de ovelhas, do páleo-cristianismo, e esta figura em cerâmica, da tribo Carajá

A pesca à tartaruga



Os Carajás figuram entre as tribus mais adiantadas do Brasil. A cerâmica tornou-se entre eles uma das atividades normais, exercidas pelas mulheres e pelas crianças

É surpreendente a descoberta nas margens do Araguaia, no fundo do sertão, de um grupo de ceramistas altamente diferenciados e em constante evolução — alguns Picassos de tanga, modelando silenciosamente sua obra anônima.

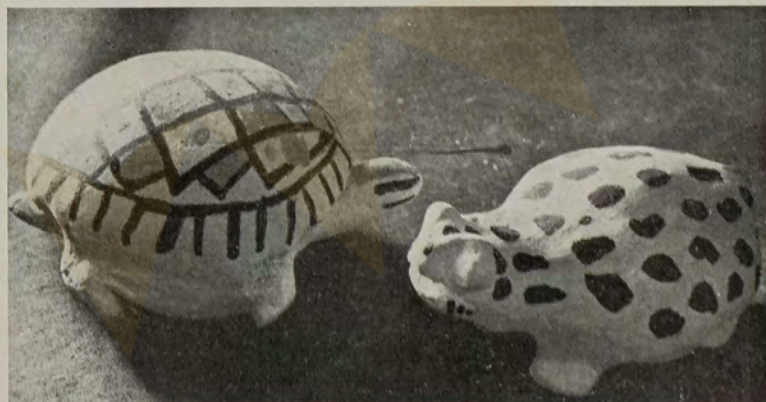
A quasi totalidade das tribus brasileiras, usava e usa da cerâmica na feitura de objetos caseiros. A panela, o pote, a gamela, encontram-se em tôdas as nossas regiões. Algumas, ainda tôscas e primitivas, unicamente com finali-

dade quotidiana. Outras, já denotando uma preocupação artística, na delicadeza da forma e da decoração.

São representativas, de um alto grau de evolução, a cerâmica da ilha Marajó, com seus desenhos característicos e a dos índios Waurá, das nascentes do Xingú, curiosa pela representação zoomorfa, abrangendo quasi que tôda a fauna local. E lá estão o tamanduá, o macaco, a tartaruga e o carapato, servindo como recipiente do alimento diário.

O que caracteriza a cerâmica Carajá, é a modelagem de figuras humanas fato isolado entre as tribus oleiras do Brasil. Fazem também os objetos de uso comum, interessantes pelos motivos decorativos e modelam tôda a espécie de animais. Mas é nas bonecas — Licocós — que se resume o aspecto mais curioso.

O "porque" desta exclusividade, permanecerá, como quasi todos os "porques" dirigidos ao índio, no terreno das conjecturas mais ou menos inteligentes



Os ovos do tracajá, esta espécie de tartaruga, é um precioso alimento para o indígena. Na praia, à margem dos rios, o índio encontra os ovos que o tracajá escondeu na areia



O tamanduá-bandeira, numa estilização realmente original e muito próxima da-quele "infantilismo primitivista" que alguns artistas de hoje tanto amam

Belíssimo exemplo de uma forma plástica enriquecida com elementos tais como a pintura, penas de pássaros e palha seca



— "extasiado", exprime-se por TESSAPORA, —olhos saltados. E Montoya cita como indicativo de "modesto" o TINDY, literalmente "nariz reto". E na atitude humilde, (cabeça baixa) o nariz continua, numa linha reta o plano da fronte. As bonecas, que são hoje, quasi que exclusivamente um brinquedo das crianças, podem também ter uma função ritual ou mágica, parecendo ser essa a sua origem.

É acentuada a predominância da forma feminina, talvez uma consequência da forma matriarcal que rege a vida tribal. Realmente, quem manda na maloca é a mulher e os mais ferozes e truculentos guerreiros, necessitam da permissão da esposa para ir à caça ou à pesca.

E há também o costume tradicional, muitas vezes posto em prática, de poder a mulher espancar o marido sem que ele reaja.

Ocasionalmente, em caso de adultério da parte da consorte, cabe a ele o direito de surra.

A forma feminina apresenta uma deformação característica da cintura para baixo. Esta esteatopigia que já encontrou as mais conclusivas interpretações, parece estar ligada à necessidade de conseguir um melhor embasamento para as figuras sentadas ou reclinadas. Seria o nosso decantado e abusado "funcional". Os enfeites, distintos para solteiros e casados, são os mesmos da vida real. Uma jarreteira de algodão tinto com urucum indica a relativa liberdade do portador. O casado não usa nada.

Para algumas cerimônias em especial os Aruanã cobrem-se totalmente com os desenhos do clan, que são também o ornamento das bonecas

A dificuldade inicial seria fazer compreender ao índio o sentido de nossas perguntas. "Porque, onde, como e quando". É conhecida sua repugnância à toda indagação imotivada, à toda idéia que envolva abstração. O não-concreto, necessita sempre, para ele, de uma objetivação qualquer. Na língua tupi, por exemplo, "muito cuidado" traduz-se por TESSAETA — muitos olhos.

A vitória do homem sobre a besta?



Algumas motivações são claras e precisas. Assim, nas peças representando canoas, as figuras humanas são sempre os Carajás. Os animais que os acompanham — tartarugas, papagaios, corujas — são índios de outras tribus; num muito nosso “não me confunda” apresentam todas, em lugar do umbigo antiestético que entre nós se usa, um simples orifício, que poderá comportar várias conclusões e interpretações freudianas ou quasi.

A feitura da cerâmica é trabalho exclusivo das mulheres. O barro é amassado e modelado da maneira comum. Depois de seco, é cosido ao fogo e decorado com as duas cores: vermelho do urucum e preto do suco do genipapo.

Os Carajás talvez ignorem como iniciaram a cerâmica. Bem como o motivo e as intenções das formas e decorações.

Sabem, porém, que aquilo é altamente interessante. Serve como objeto de trocas com tribus vizinhas.

Mas, principalmente, aquele parente com o TORI, o irmão branco, às vezes difícil de compreender, que, basbaquemente, como qualquer turista, num lugar qualquer, leva todos aqueles brinquedos das crianças e deixa com eles aquelas coisas lindas. Missangas, colares, facas, e até machados de ferro. E seria necessário ser índio, ainda naquela ingênua e feliz idade da pedra, olhando o mato que vai ser derrubado com o machado primitivo, onde crescerá depois a mandioca que dá o beijú que alimenta, para compreender a alegria que deixamos com eles.

CARLOS CORTESE CALDAS



Com suas cores vivas, estas esculturas mais parecem um Matisse





Conversação. As figuras violentamente coloridas transmitem algo do mistério da selva

Todas as fotografias desta série foram feitas no Museu de Arte, em seu laboratório próprio

Ainda a pesca à tartaruga



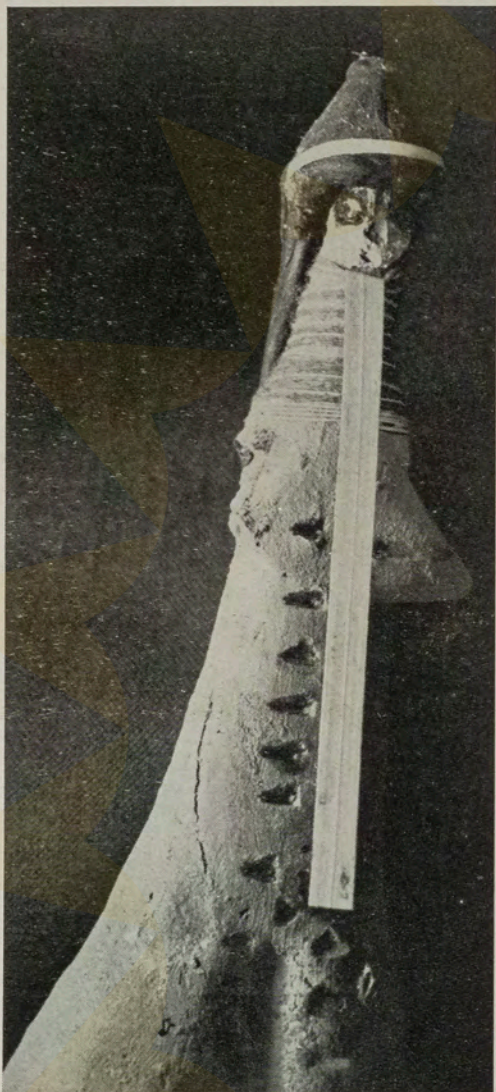


O falicismo é um culto antiquíssimo: alguns o indicam mesmo como origem das religiões que adoram as divindades da fecundidade. Entre os indígenas, este culto continua sendo praticado inconscientemente, através de tradições, com as características próprias dos povos religiosos

Papagaio



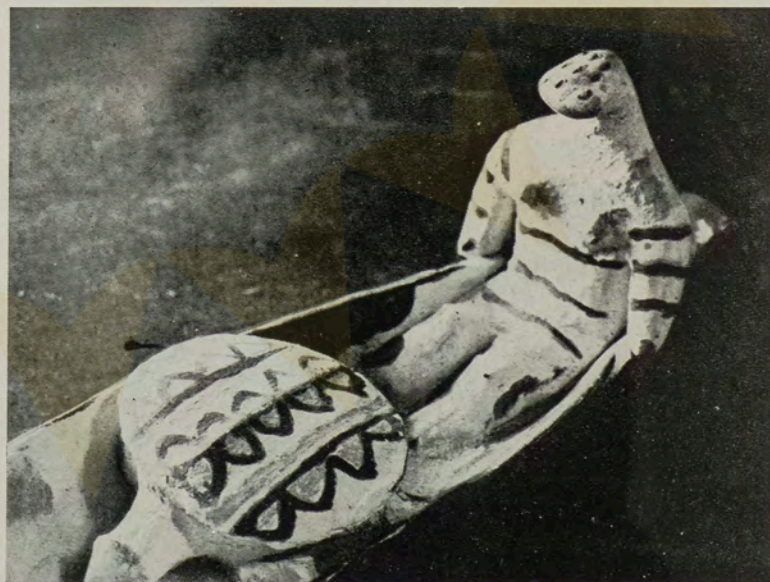
A expressão plástica indígena, cujo tema fundamental é o homem, manifesta-se também na reprodução de aves e animais



Estranhíssima figura adornada com uma espécie de gravata (Tembetã)



Uma viuva?



As cenas de caça e pesca abrangem larga parte da produção artística dos índios

